

A NOVELLA SEMANAL



BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excelente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHÃ** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancia se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais atrahente possível pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquelle: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço lufimo, será apreçoada uas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população ledora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inaccessivel. Das obras ainda em extração no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sojam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo do ler os livros que, sem esse reclamo, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das uossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia soiva. Teremos a nossa collaboração especial, do um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreates, comtanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento à edição do conto e da novella nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a olles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria do pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca à disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir o dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

Os EDITORES.

Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offerecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada à Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remettido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada a venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interesados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogando a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

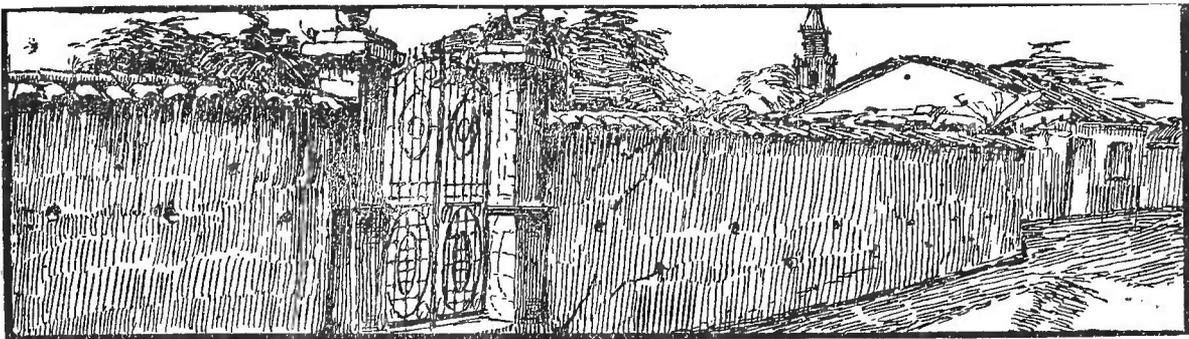
Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

Assignaturas

Anno	20\$000
Semestre	10\$000
Trimestre	5\$000
Numero avulso	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL

São Paulo, 4 de Junho de 1921

NUMERO 6

PREÇO DE SANGUE —

Jorge Falleiros.

OS VICIOS DELLES . . . —

Julia Lopes de Almeida.

CLARINHA DAS RENDAS

— Mario Sette.

SUMMARIO

ECONOMIA DOMESTICA

— Euclýdes Andrade.

SUPPLEMENTO — A vida
anecdótica e pittoresca
dos grandes escriptoresSimões Pinto — Louren-
ço Filho.Vida literaria — O parado-
xo da cultura. — A. M.Curiosidades literarias —
Versos. — João Ribeiro.

P R E Ç O D E S A N G U E

A antiga fazenda do Domingos Nunes agacha-se num descampado, esparrimada nos flancos de um declive que verte para um riacho.

Tem o aspecto senil duma tapera. As paredes denegridas, o madeiramento pesado, o telhado ennegrecido e escabroso dão áquella decrepitude architectonica os ares torvos dalguma cousa morta.

Para os fundos se mostra o quintal, no verde fosco das laranjeiras a enfeitar debalde sua vellice com as flores de noivado que todas se desprendem á mais fagueira viração da tarde. Na frente, o curral de aroeira fincada e o chão duro do terreiro. Junto da porta, um montão de pedras á guiza de escadaria. A porta, muito grossa e perra nos seus gonzos ferrugentos, dá accesso a uma sala desguarnecida e vasia. Apenas allí se notam uma grosseira mesa de cerne, dois bancos duros de taboa e uns arreios de couro, amontoados a um canto.

A uma janella lateral, um velho magro, Domingos Nunes, estava olhando para os lados do paiol. Um pouco além, subsistiam ainda uns destroços de senzala.

A tarde declinava. Domingos Nunes, como se o invadissem uma tristeza immensa, á vista do paiol arruinado, arrancou-se dalli e, arrastando os passos pelo assoalho de grossas pranchas de peroba, enveredou para o salão, onde outr'ora as africanas laboriosas trabalhavam nos interminos

dias de calor. Encostado duma banda, permanecia inerte o tear. Rocas dismanteladas jaziam para os cantos. No meio dos trastes abandonados, em desordem, como os destroços dum naufragio, sobrenadava uma argola de ferro com duas hastes como chifres, trazendo guizos nas pontas. Ao modo de canga chinesa, ia ao pescoço das fujonas que costumavam varar matto. Á parca luz, que entrava pela unica janella aberta e tambem encanada pelo corredor que ia ter á cosinha, dava a tudo uns ares de sombra e de mysterio. O vasto compartimento offerencia sahida a outros aposentos, cujas portas, fechadas desde muitos annos, enclausuravam almas penadas e morcegos que atordoavam a casa, pela noite a dentro, com uma algazarra infernal. Junto da escada de madeira, lisa pelo uso constante, arrumada á parede, Domingos Nunes parou meditabundo, como atando a idéa da escada ás outras que tivéra á janella, em frente do paiol. Allí estava ainda no mesmo logar a maldicta escada, aquelle instrumento de supplicios para as pobres captivas; ligadas debruços a ella, dos pés á cabeça, como numa cruz, supportavam entre gemidos a brutalidade da pancadaria. Junto do moirão, aquém da senzala, ainda se achava a sepultura anonyma daquella mestiça que succumbira aos golpes do azorrague. Domingos Nunes chamou para dentro, na sua voz asthmatica:

— Escrava!

Outra voz também asthmatica respondeu:

— Sinhô...

E á bocca do corredor assomou uma anrosa creoula, meio coxa:

— Veva!

— Sinhô...

— Ainda resta lenha para o lume?

— Sim, sinhô...

— Leva também esta escada para queimar.

— Sim, sinhô...

Sahindo difficultosamente com o traste, Geneveva murmurava entre dentes, benzendo-se:

— Crédo! Sinhô parece *capeta*! Raias de sangue nos olhos! Sinhô não tarda morrer!...

Veva estava livre, mas em Domingos Nunes era tão entranhado o sentimento daquella propriedade que não a tratava como tal. Depois, ella mesma tinha, por instincto e habito, indole por demais servil; no dia 13 de Maio de 1888, rejeitára a liberdade. Prezava-a menos do que a honra e esta lhe fôra extorquida por aquelle homem cruel. Pouco se lhe dava agora passar o resto da vida sob o seu jugo. Por orgulho e por despeito renegára áquella liberdade tardia. Os filhos que nasceram da sua deshonra e das suas dores, ella os vira partir, um a um, nos balaios, em cargueiros, vendidos como vis animaes. A sede de fortuna fizéra do seu senlior um deshumano. E não fôra só ella a victima; todas as suas companheiras de escravidão foram também socias do mesmo infortunio. Por tudo isso, por toda aquella deshonra e por toda aquella revolta que sentia dentro d'alma, Veva sardonicamente preferira ficar junto do despota, alimentando a esperança de se vingar um dia. Vingar-se terrivelmente, povoando de phantasmas e assombrações o fim da vida do velho fazendeiro. Ainda na execução do seu plano sinistro lá estava ella carcomida pelos annos, emperrada pela dor do rheumatismo que lhe torturava os ossos. Sentia dentro em si a morte.

Tambem o velho parece que a percebia, a negra parca, enganchada nos seus hombros. Naquella tarde vieram-lhe certos caprichos de quem vae morrer. Havendo escutado o gemido cavo do monjolo, a mourejar, pilando arroz, fel-o parar. Tendo visto pendurado na varanda o sino que em outros tempos servira para reunir, em determinadas horas, o seu harem negro, despreendeu-o d'alli a muito custo e o depositou a um canto. Aquelle sino, ás vezes, alta noite começava a badalar tristemente. Nessas horas, Domingos Nunes

ficava tranzido de agonia. Todo barulho extranho o congelava de susto. Já era noite fechada quando elle se recolheu ao quarto junto da sala. Accendeu a candeia, abriu a janella e derreou-se no parapeito. Soffria de insomnia. Antes de conciliar o somno não arredava d'alli, á olhar os astros como um cão de guarda. Naquella noite estava preocupado com recordações dolorosas. Depois de ficar assim uma hora esquecida, a absorver a aragem e o silencio, começou a sentir um tremor exquisito nas carnes. Subito pareceu-lhe ouvir uma voz semelhante á sua dizer-lhe ao ouvido o seu nome:

— Domingos Nunes!

Todo tremulo e reprimindo a respiração, despregou-se da janella e se recostou á parede como temendo que uma alma do outro mundo o assaltasse pelas costas. É que, na pressão do medo que sentira, não viu que fôra elle mesmo quem pronunciará o proprio nome. Mas, como reinasse depois um silencio de pedra, começou a recuperar a tranquillidade, imaginando:

— Foi o vento...

Teve então uma idéa que já o salvara em eguaes conjunturas, para dissipar as sombras do espirito: — abrir o seu bahú — porquanto nada o distrahia mais do que mirar e remirar, contar e recontar o dinheiro que rendera a venda dos seus filhos. Foi á canastra, tirou o bahú, approximou a candeia, espalhou sobre a cama os pacotes embolorados de papel-moeda. E contou mentalmente:

— Onze maços de cinco contos de reis!

E accrescentou depois dunia demora:

— Tudo preço de sangue!...

Nesse mesmo momento explodiu lá dentro a sarabanda das almas perdidas. Gemidos, vozerio, pancadaria, ranger de ferros. Domingos Nunes, pallido de espanto, poz-se a rezar. O alarido cessou por um instante. Foi quando elle ouviu no fundo do grande compartimento das escravas um arrastar vagaroso de chinellas. E aquelles passos caminhavam para elle, trazendo atravez da casa uma voz horrivel a engrolar uma lingua estapafurdia que elle não entendia. Pareceu-lhe conhecer a voz, que era de mulher, mas a linguagem como era extranha! devia vir do inferno... Tendo atravessado o vasto salão, parou á sua porta, monologando muito tempo naquella monotonia desconcertada do sotaque africano. Se entrasse! Mas não entrou. Calou-se e voltou sobre os passos, ao arrastar socegado dos chinellos. Houve um silencio. Domingos Nunes tremia.

Tomado de sobresalto arrebanhou a dinheirama no bahú e metteu tudo no esconderijo. Depois, agarrando a candeia, sahiu do quarto. Viu ainda na escuridão um vulto, como sombra envolta na sombra, emboccando pelo corredor. Não gritou pela escrava: teria medo da sua propria voz. Apegou-se mais á claridade que tinha nas mãos, como se aquella luz mesquinha desmanchasse todos os espectros. Cobrou animo e avançou. Temendo sempre pelas costas, sondava, com os olhos esbugalhados, as trevas em redor. Chegando ao quarto de Veva, fez um esforço e chamou:

— Veva!

— Sinhô...

— Vem para o meu quarto... traz a tua cama. A negra, temerosa, agarrou o colchão de palha e seguiu o seu senhor. Em chegando, estendeu a enxerga no assoalho e deitou-se.

— Veva!

— Sinhô...

— Eu vou morrer?

— Não morre, não, sinhô...

Domingos Nunes estirou o corpo sobre o leito, ao estalar dos ossos, como um cadaver. Reinou a solidão. Fóra a agua da bica querelava sem descontinuar, despejando-se no poço do monjolo. A noite já ia muito adiantada quando um chamado roufeno interrompeu o silencio:

— Veva!

Ella dormia. Chamado mais forte:

— Escrava... Escrava...

— Sinhô...

— Vae áquella canastra, no canto.

Ella cumpriu a ordem, levantando-se devagar e receiosa.

— Arranca fóra o bahú... Traz a candeia.

A negra se aproximou com o bahú e a candeia.

— Abre!

Escancarou o bahú, apalermada ao ver tanta riqueza de papel pardacento...

— Põe no chão e ateia fogo!

E elle accrescentou como uma idéa fixa:

— Tudo preço de sangue...

A velha africana começou a chorar. Lembrou-se dos filhos, lembrou-se de tudo... E soluçava:

— Não queime, não, sinhô, não queime, não...

— Obedece!

A esse mando imperioso, Genoveva dobrou a cerviz. Numa longa obediencia e numa longa servidão habituára-se a servir e obedecer. Fez

um esforço supremo e achegou o lume aos pacotes embolorados e sujos.

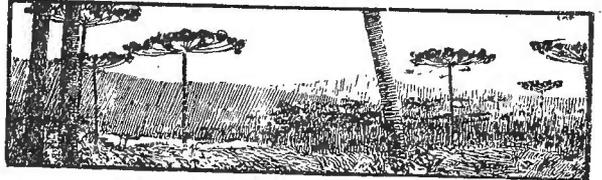
Um clarão sangrento illuminou o quarto.

Domingos Nunes, inteiriçado no seu catre, extendendo os braços ao estalar dos ossos, os olhos arregalados para o tecto, resmungava numa ancia desesperada:

— Preço de sangue...

S. Paulo, 1921.

JORGE FALLEIROS



OS VICIOS DELLES...

Quatro horas da tarde. Izidora acaba de servir chá com bolos ás suas amigas Magdalena, Luciana e Martha. O gato preto Nhônô persegue no chão as sombras movediças da trepadeira da janella, de folhas chatas como borboletas. As senhoras palestram.

Izidora — Qual é o vicio que as mulheres perdoam com mais facilidade aos seus maridos?

Luciana — O do fumo.

Martha — Dizes isso porque és casada com meu irmão, fumante tão incorrigivel que nem para dormir tira o charuto da bocca. Tambem por isso está ficando com o bigode manchado, crestado, e com os dentes amarellos, como as telas de um piano martelado por muitas gerações. Se soffresses do figado, como eu ou não o beijarias nunca na bocca, ou já terias morrido. O tabaco é um veneno, de uso grosseiro e consequencias terriveis; basta lembrar que o cancro na lingua é quasi sempre produzido por elle. De mais a mais dispendioso, porque o havana é um luxo caro, que arruina a bolsa e o organismo, de uma assentada. Não era atôa que Alfonse Karr affirmava:

“Fumer est un des plaisirs les plus bêtes et le plus couteux.”

Não sei si é dos mais estupidos, mas é o mais constante de todos os vicios, porque é de todas as horas, e o que mais rouba a energia e a independencia dos homens. Um fumante sem tabaco é um homem inutil. Roubem-lhe a cigareira e roubar-lhe-ão as idéias e a disposição do trabalho. O fumo é um vicio que escravisa, que nullifica, que toma para si todas as faculdades

productivas dos individuos. Senão, vocês reparem: tal ou tal mathematico, e isto para citar homens affeitos a abstracções, sente-se positivamente incapaz de resolver problemas, que em outras circumstancias lhe pareceriam faceis, se, ao metter a mão no bolso á cata do cigarrinho, verificar que o deixou em casa, a uns tantos kilometros de distancia. A essa catastrophe o cerebro nega-se a qualquer trabalho digno. O despotismo do cigarro é mil vezes maior que o do czar de todas as Russias, porque elle escravisa e submete á inacção mais desesperadora o proprio pensamento!

Ha escriptores que só produzem, ao sabor e ao atordoamento de cigarros consecutivos; o cigarro entra assim a fazer parte integrante do seu ser moral. Ah! ao cigarro é que eu não perdôo nada. Elle é a expressão reles, malcriada, de vicio barato, uma coisa infima, que entrou para as rodas superiores, como certas criadas de servir entram para a aristocracia — levadas pelo capricho de alguns homens de gostos depravados.

Não conheço nada mais petulante do que um cigarro, e quanto mais ordinario é, mais se accentua nelle essa qualidade aggressiva. Vocês talvez não acreditem, mas a verdade é que cada vez que eu encontro um collegial meninote de cigarrinho na bocca, sinto vontade de cuspir; e notem que eu não faço tal coisa senão por enjôo ou por doença. Esse acto é, portanto, determinado em mim por uma impressão de repugnancia e de vexame, que não sei reprimir. E é talvez porque de todos os vicios esse é o mais generalizado e de que se abusa com mais desfaçatez, que eu tanto o abomino. Felizmente, meu marido não fuma. Quando o beijo é como se beijasse uma criança.

Luciana — Deus me livre. Que horror!

Martha — Eu não lhe perdoaria a bocca amarga, os pellos do bigode queimados, o halito estragado, as unhas côr de ambar...

Magdalena — Pois eu gosto do cheiro do tabaco, e para mim um homem que não fuma parece-me incompleto... Mas eu sempre quereria que me explicassem por que, sendo nós mais fracas, segundo a affirmacção universal, não nos deixamos dominar pelos vicios, como os homens fortes; porque mesmo o teu, Martha, se não fumajoga...

Martha — Infelizmente... Mas vejam como são as mulheres: como alludi ao vicio do marido della, ella não quiz deixar na sombra o do meu...

Magdalena — Sabe que isso não é segredo para nós... Mas ahi está: de todos os vicios, o do jogo é o unico intellectual; e, como é sujeito a perigos de repouso, favorece o espirito para reacções.

Luciana — Qual reacções! Nos intervallos de descanso o jogador não pensa senão em recommençar o jogo; vive assim numa perenne anciedade, devorado por ambições, gasto por noitadas consecutivas e toda a especie de desordens physicas e moraes.

O jogador é quasi sempre fraco de character, supersticioso, desconfiado, casmurro... Para elle, gloria, familia, trabalho, amor, tudo se dilue nas duas cores dos quatro naipes de um baralho e na rapidez dos minutos na roleta do azar... Felizmente, o marido aqui de Martha é apenas um *dilettanti*, não é um profissional; entretanto, supponho que ella se deva aborrecer, porque necessariamente elle preferirá ir jogar o *poker* no seu club a leva-la aos espectaculos, ás recepções das amigas ou a lêr alto para ella ouvir, em casa, os romances do Eça ou do Machado de Assis...

A mulher de um jogador aferrado é uma victima ignorada no silencio das noites, curtindo saudades do passado e sustos pelo porvir, sempre com medo de vêr entrar o marido em casa arruinado ou louco, quando não volte cadaver, nos braços de parceiros mais felizes...

Se o fumo estraga a saude em picadellas lentas de alfinetes, que transformam o figado e o baço em colchões velhos e informes, o jogo mutila-a de pressa a machadadas fundas e bem vibradas.

E' uma paixão com sopro de vendaval, que tudo leva diante de si, essa do jogo e a que mais alheia o homem da sua familia e dos seus deveres... Ante a tentação de um tapete verde — a honra é um espectro de papelão e o amor uma phantasia de crianças... De sério e de interessante no mundo só ha os dados do azar...

Seria esse o vicio que eu menos perdoasse a um homem, se ainda não houvesse outro peor...

Izidora — As mulheres?

Luciana — Não! O vinho.

Martha — Esse é torpe.

Magdalena — E' bestial. A inconsciencia da bebedeira dá á physionomia do homem mais intelligente e mais fino uma mascara de porco immundo. Haverá amor de mulher que resista a tão rude prova?

Acreditará alguém que a esposa de um alcoolico possa ter por elle alguma especie de consideração, sem a qual não existe a felicidade na familia?

Eu não. E custa-me até imaginar que um homem culto se entregue ao vicio da embriaguez. O vinho é um vicio de taberna, de ruas escusas um vicio execravel, de ignorantes e de brutos...

Izidora — Entretanto...

Magdalena — Entretanto, bem o sei, ha muitos homens educados, responsaveis muitas vezes por um nome de familia bem considerado na sociedade, que não resistem a ir tomar com frequenciã os seus copinhos de *wisky*, quando não de paraty, á beira dos balcões, esquecendo-se, no convivio das garrafas, da propria dignidade, dizendo asneiras, chorando como um dia de chuva, rindo como palhaços ou clamando como posses-sos. A falta de compostura dos bebedos offende até as paredes. Não ha nada mais ridiculo nem mais repugnante. Felizmente, o meu marido não bebe senão á comida: mas então, ai de todo o pessoal da casa se lhe não puzerem junto do prato a sua garrafa de Bordeaux!

Martha — O meu tambem; e igualmente não dispensa o seu calice de cognac ao café. Mesmo que chova a cantaros, não havendo cognac em casa tenho de o mandar buscar... E' uma maçada!

Luciana — O meu de vinho gosta pouco; mas não passa sem cerveja, pelo menos tres garrafas por dia...

Martha — Oh!

Magdalena — Oh!

Luciana — Uma ao almoço, outra ao jantar e outra á noite.

Magdalena — Não debes consentir nesse abuso, elle assim ficará obeso!

Luciana — Oh! minha querida, que mulher terá prestigio bastante para impedir ao marido a satisfação dos seus desejos. E tu, Izidora, que nós dizes de teu marido? elle não bebe?

Izidora — Não; meu marido não bebe senão agua...

Martha — Faz elle muito bem. Parece-me que tambem nunca o vi fumar...

Izidora — Não; meu marido não fuma.

Luciana — Joga?

Izidora — De longe em longe, uma ou outra paciencia, commigo...

Magdalena — Mas nesse caso teu marido é um poço de virtudes? E' um monstro!

Izidora — Vais vêr: como parece forçoso que todo o homem se submetta á humilhante contingencia de um vicio, meu marido não pôde resistir ao do amor.

As mulheres fascinam-o, como os jacarés ás crianças. Elle vive sempre alheiado de mim, no deleite das suas paixões de aluguel ou de emprestimo, e, o que lhes posso afiançar, é que isso me occasiona as mais dolorosas revoltas de amor proprio, e me dá a certeza de que, embora o vicio das mulheres seja entre todos os vicios o de mais curta duracão na vida de um homem. é tam-

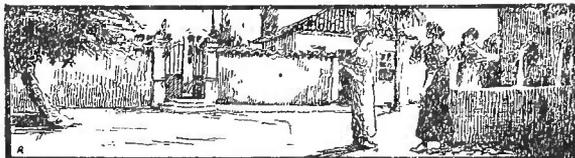
bem aquelle que uma esposã, embora diga o contrario, menos perdõa...

Martha — Pois olha, filha, para mim, de todos os vicios, esse é o unico comprehensivel...

Luciana — Eu ainda digo mais: é o unico desculpavel.

Magdalena — Sim, nos maridos das outras...

JULIA LOPES DE ALMEIDA



CLARINHA DAS RENDAS

(NOVELLA SERTANEJA)

I

No oitão de taipa do casebre — todo em rebôco, com o tecto de telhas vermelhas — riscavam-se, trifurcando-se, veredas abertas entre arbustos das catingas, duas em aclave demandando a estrada de rodagem, e a outra, em descida, buscando a margem esquerda do rio que corria grosso, barrento, invernososo, a arrastar os florões verdes das "baronezas" catadupando mais á jusante, em lenções d'agua, no parapeito da represa recamado de limo.

Na encruzilhada dos atalhos, para onde dava a sahida, ao fim da tarde, Maria Clara,—Clarinha das rendas—vinha sentar-se perto da porta, na soleira de páo, pondo-se a desenhar no risco da almofada a alva e linda renda do seu casamento, traçando entre os dedos habeis os bilros tóscos de madeira.

Era a costumada tarefa quando já a roupa tinha sido colhida dos coradouros e a criação agasalhara-se nos poleiros, com o sol no occaso.

Mais tarde, quando escurecia, o pae, o tio Zéca, estafado da labuta, vinha tambem descansar ali, estirando-se na relva, ficando no sólo o cotovello para apoiar numa das mãos, aberta, a cabeça meio encanecida velada pelo estiapado chapéo de carnauba.

A candeia de kerozene accessa no casebre, pendente de um caibro, inflectindo uma restea de luz avermelhada pelo rectangulo da porta, dava ainda claridade aos olhos garços de Maria Clara para accrescer o seu delicado labor de rendeira.

Quando as estrellas vinham fazer a sua ronda nos céos, Raphael, no passo balanceado de sertanejo moço, chegava, no verdor alacre dos seus dezenove annos quasi feitos, na alvorotante fe-

licidade da promettida que o acolhia, com a singela affeição dos rusticos, mostrando-lhe, antes de tudo, o avanço feito na renda pelo dorso de papelão da almofada labyrintada de alfinetes em riste-renda que era como que o laço a avisinhalos dia a dia das nupcias visionadas.

Raphael, de estatura meã, grosso, thorax largo a medir os hombros abertos, era bem moreno a realçar os olhos azulados, uns olhos sempre a reflectirem um espirito que parecia encarcerado naquella formosa paysagem de sertão. O trabalho, porém, o não apavorava: os seus dias elle os vencia a guiar de aguilhão em punho, um carro de lenha, do brejo para as povoações servidas pela via ferrêa, estradas afóra, fustigando as juntas de bois encangadas, embalado pelo ranger monotono dos eixos apertados...

Em chegando acorava-se ao pé da rapariga, e os tres iam discorrendo do que fôra feito, naquella dia, cujo poente se amortalhava numa franja roxa, por traz dos montes empardecidos, lá longe, realçando a côr de sangue dos côrtes abertos nos flancos das serras por onde, num relampago, corria o trem, entre torvelinhos de fumaça.

Os dois haviam se promettido ha um punhado de mezes; casar-se-iam pelo S. João. Bem perto vinha, pois ia entrar, cinco dias mais, o mez de Maria. Continuariam a morar juntos, ali, conjugando parques haveres, num gesto prudente de solidariedade domestica e economica.

Raphael tinha assegurado o seu ganho de semana; o tio Zéca cuidava das suas rôças de milho, feijão, mandioca, trabalhando tambem em um engenhoso tórno na feitura de pequenos pilões, vasos para pó de arroz, artefactos curiosos em madeira tenra e alva, indo aos sabbados e ás quartas vender na feira, um quarto de legua adiante, os seus productos e as suas colheitas. Maria Clara cuidava do amanho da casa, descia ao rio lavar as roupas, fazendo ainda as rendas da terra que eram a cubiça, o encanto das familias veraneando na cidade e que iam ao povoado em passeios longos sob o sol forte para criar sangue novo. Da mãe, Maria Clara nunca vira o rosto.

Naquella noute o tio Zéca estava numa das suas veias de expansão, não raras, Deus louvado. Elle as chamava, rindo, de "momentos de taramella". Essa loquacidade girava sempre em redor de cousas do passado, saudades de ancião, façanhas de moço, reflexo de saude d'alma, de contenteza de plantador que via promissora a apanha e farta a invernia.

— Dos dias da minha vida neste mundo — escutem lá — o melhor pedaço foi a ida que eu

fiz á capital. Andava por ahi nos meus vinte dois annos bem tirados no matto. Nesse tempo o vapor nem inda chegava cá por perto. A gente ia nos lombos dos cavallos, serra para baixo, dormindo nos ranchos ou nas catingas até topar com os trilhos do "vapor". Tres dias bem puxados num bandão de leguas. Quando meus olhos cahiram em riba do Recife, estava assombrado. Imaginem lá vocês o que aquillo é de boniteza, com um rio largo, com umas pontes grandes cheias de luzinhas, com umas casas ricas de gente apesoadada. E o mar!... Só para ver aquelle mundo d'agua que nem tem fim, vale a fadiga do caminho... Aquillo ronca, espuma, fica de todas as côres que só onça acuada. Um punhado de velinhas anda por ali que até parecem estar no chão: são as barcaças, como elles chamam. Nas praias as ondas se arrebetam muito brancas como a roupa enxuga ao sol de Nosso Senhor. Lá no fundo, onde o mar encontra o céu, passam os bichões, uns brutos de vapores, com umas varas altas cheias de bandeiras, com as funaças compridas, a perder de vista. Que bom ha de ser a gente ir por ali vêr os outros mundos!...

Raphael e a noiva escutavam attentos a voz cadenciada do velho. Ella, curiosa, porém sem maiores impulsos de vontade em deixar o seu rincão de terra, contente de sua sorte, sem largas aspirações. O rapaz ficara a repassar na memoria as phrases do tio Zéca, cahindo numa sensação de desejo mesclada a um véo de melancholia, mal ouvira falar do mar, esse gigante furtacôres, estrada sem termo a conduzir os homens ás terras mais distantes e fascinadoras, mar de que falavam embasbacados todos os sertanejos vindos do littoral.

Elle crescera na choupana de uns tios porque os paes haviam morrido das bexigas deixando-o bem pequeno. O tio vivera por annos na costa; embarcara em barcaças, fizera longas rotas pelo norte, a negocio, e dessa vida marinha ficara-lhe a necessaria dose de recordações para só cuidar de falar della nos serões do matto, na roda dos matutos, serões que o sobrinho, ainda nos seus oito annos, ouvia curioso e sacudido de invejas. Quando se tornara rapazinho, a luta pela bocca, o trabalho concorreram para esquecer um pouco os sonhos da infancia agora desbertos, estimulados pelo sangue ardente da puberdade, escutando o tio Zéca, o pae da sua enamorada. O mar, para elle, era a ribalta magestosa de todos os gozos, de todas as phantasticas maravilhas do mundo: a felicidade se lhe afigurava pertencer a quem se fosse oceano afóra, no dorso das vagas..

Quantos menos rudes pensam assim também!

No correr da noite poucas palavras mais balbuciou: as bastantes para acudir ás interrogações da noiva. Mais cedo que sempre ergueu-se, reparou o tempo na marcha das estrellas, deu os "boas noites" e foi-se atalho acima, gingando, a principio com rumo á casa, depois enveredando pelas catingas a passeio, enquanto Maria Clara, não de todo calma, reentrava no casebre carregando a almofada, deixando o pae a cochilar a costumada meia hora antes de se agalhar nas dobrás da rêde sustida pelos punhos nos caibros da sala de janta.

II

O outro dia, um sabbado, escuro ainda, perto do amanhecer, despertado pelo hymno dos poleiros, tio Zéca ao peso das suas provisões de feijão e farinha, puzera-se em caninho para a feira, afim de lá chegar com o raiar do dia, ganhando tempo para se installar e estender o tóldo da sua barraca.

Mal clareara, Maria Clara sahiu para o quintal espalhando ás mancheias os grãos louros de milho para as gallinhas que a enrodilhavam cocoricando, sacudindo ainda as azas, beliscando o chão, chamando as longas ninhadas, os lindos e vivos pintinhos de plumagem ambarina, saltitantes, piando, piando muito... Todo o terreiro avorotava-se com a madrugada, uma friorenta e branca madrugada de Abril, com o céo claro azul, os serros esfumaçados de nevoa, as arvores espanejando-se voluptuosamente, e o sol morno a espreitar nos cabeços verdes das montanhas do levante.

Depois de cuidar da criação, a rapariga abraçada a uma trouxa de roupa, desceu o atalho ainda rociado de orvalho, por entre os arbustos viçosos, cheirando a velame, emparelhando-se com outras mulheres que iam de rumo igual, cruzando tropeiros a pé e a cavallo, em demanda da feira, dando-lhes bons dias, até chegar á orla do rio avolumado e barrento.

Nas margens muitas lavadeiras já installadas zurziam as roupas ensaboadas de encontro aos batedoiros de pedra negra e lisa: umas tendo trazido os filhos pequeninos que dormiam seminus, sobre o capim, com as barrigas dilatadas, para o ar. Dos banheiros de palha de dende-seiros vinha o ruido dos banhistas a chapinharem n'agua, quando por vezes o olhar malicioso e indiscreto não via, nadando fóra, um dorso feminino nu ou o roliço de uma perna amorenada a debater-se gostosamente, no frio do banho.

Abaixo e acima, pelos caminhos, outras mu-

lheres vinham buscar ou levavam agua em potes de barro equilibrados nas cabeças. Perto da ponte o gado descia para se desalterar de fociinho baixado e avido.

Maria Clara tinha o seu canto predilecto, um pouco afastada de certas companheiras tagarellas ou doidivanas, porque ali as havia de toda a casta, desde as bem vividas com seus maridos ou "amigos" ás levianas, as que se gabavam de perturbar o socego dos casaes, com as seducções nos sambas, nos "bois", na promiscuidade das catingas a horas mortas... Bem deixara de falar com a Carlota, uma mulatinha, amaneirada sem recato, cujo pae morrera do "ar"—de uma congestão—por encontral-a certa noite em peccaminoso colloquio com o marido da Amelia, um bebedo habitual, conhecido por espancar a mulher que era tysica.

Na beira do rio, Maria Clara arregaçou as mangas do casaco, desnudando os braços até os hombros, prendeu entre as coxas a saia de chita azul, erguendo-a ao meio das pernas, e de cororas, começou a ensaboar uma velha camiseta de morim.

A filha do tio Zéca na pujança sertaneja dos dezeseis estios, acabocçada, de olhos garços, madeixas escorridas e retintas, na elegancia desprestenciosa das naturaes do sertão, menos bonita que sympathica, que o era devéras, tivera do pae a educação rudemente austera, o revestimento moral, a coragem espiritual dos velhos lares. Em menina chegara a aprender a ler com uma senhora da cidade, casada com o collector, onde estivera a servir na arrumação. D'ahi uma certa ascendencia sobre os demais moradores do povoado, a quem lia cartas recebidas ou escrevia missivas encommendadas.

Em meio da tarefa, alvas peças de roupas estendidas no coradoiro do capim, esquentando ao sol, Raphael surgiu de uma azinhaga aproximando-se da rapariga que o acolheu admirada pondo-se de pé, levando as mãos á cintura:

— V. por aquí a esta hora? Está doente? Não foi trabalhar?

— Não. Nem preguei olho... Passei a noite rondando fóra...

— E por modo o que? Que tem V. na cabeça, homem? Botaram feitiço em cima? Desde hontem que eu reparei o seu geito exquisito... Que tem V. no coração?

— Nem sei; não ando bom...

— Isso é rabo de saia, Raphael. V. já não me quer bem. Está mudado...

— Lá está V. com choramingas, mulher. En-

xugue esses olhos. Eu não sinto nada. Ouça lá: eu preciso é fazer uma ida na praça. Uns negocios...

— Que negocios, Raphael! V. está assanhado com as conversas de hontem de meu pae. Eu bem maldei isto.

— Pois é isto mesmo. Eu vou é ver o mar. Esse mundão d'agua que chega perto do céu, feito os urubus, bole cá commigo. Si eu não fôr ver eu morro...

— Santo Deus! Que foi fallar meu pae! V. no Recife homem! E si V. não volta? Que ha de ser de mim! Tanta cousa bonita por aquellas terras!... Quem se lembra mais dos que ficam na tristeza destes mattos! V. não vá, Raphael...

Maria Clara prenden-lhe as mãos num assomo de irmã mais velha, aconselhadora. O rapaz olhava-a commovido, vacillante, mas scintillando nos olhos o desejo de infancia renascido, indomavel, forte, o seu desejo de descer a serra como os outros, ver o mundo, ver o mar...

— Escuta, Clarinha. É uma semana que eu fico na praça. Eu lhe juro. Volto sem dança. Trago umas cousas lindas para o seu enxoval... O tempo corre como os veados: quando V. me sonhar por lá, eu já venho na ladeira de casa...

A rapariga traduziu a decisão do noivo, aquella aspiração que elle realisaria tarde ou cedo, e si havia de ser depois, casado, antes fosse agora, em tudo e por tudo.

— Si é tanto do seu gosto, eu não me importo. Fico é morrendo de saudade. Vá com a companhia de Nossa Senhora e volte logo. E para quando essa viagem?

— Para hoje mesmo. Eu vim conversar com V. por isto. O trem chega na estação perto do meio dia; vou mais o Antonio das Neves. O Joãozinho fica no carro fazendo o meu trabalho.

Ambos silenciaram uns minutos. Raphael apañhara do chão uns gravetos e quebrava-os nervosamente entre os dedos; Maria Clara entrouxára a roupa apertando o nó; desceu as mangas do casaco, soltou a saia, poz a trouxa á cabeça.

Puzeram-se a caminho, cabisbaixos, galgando a rampa do rio, retomando o atalho de casa.

No oitão estacaram.

Ella pousou a mão direita no hombro do rapaz, fitou-o seria e disse:

— Raphael, vá com Deus, e se lembre de mim. Si V. ficar por lá é muito ruim... Está ouvindo?

Naquelle tom rustico e franco da sertaneja, mixto de carinho e rallo, silhuetava-se a alma sincera da rapariga, a nitida expressão do seu sentir e do seu affecto.

— Até a volta, Clarinha; reze por mim em quanto estiver longe.

Deram-sc as mãos. Nem mais uma palavra, nem um gesto, nem um beijo.

Raphael desprendeuse, olhou-a com ternura, subiu a vereda tufada de flores silvestres, lentamente, volvendo o rosto tres ou quatro vezes até sumir-se na fronde larga de um umbuzeiro.

Maria Clara, calcando a pena, seguiu-o com a vista, amparada na porta, numa attitude de pungente tristeza.

Quando reentrou em casa, angustiada, encruizou os braços na parede, enterrou o rosto entre elles e desatou a chorar...

III

Raphael já se fôra ha bem sessenta sóes. O mez de Maria passava e a cada tarde Maria Clara ia, na graça natural do seu vestido branco, á nave enflorada da matriz, na cidade, entoar com as raparigas da terra as dôces litánias, os enternecidos canticos mysticos de agrado á Mãe Virgem, toda linda, toda vistosa no seu véo recamado de pequeninas estrellas côr de ouro, aureolada de luz tremula de velinhas coloridas e de flores cheias de viço.

Como sabia ler, era quem, nos degrãos atapetados do altar, tirava no breviario a toada e os versos.

Na piedade de suas orações ia sempre envolto imaginariamente o desejo, que os labios timidos nem enunciavam, da volta do noivo, a todo instante lembrado, perdido lá no Recife, essa terra linda, fascinadora aos olhos dos matutos.

O pae, nas suas noutes de taramella, contava-lhe tanta cousa bonita!

E ha tanta gente ruim para virar a cabeça dos bons! Bem lhe segredava o coração na hora da despedida, fitando o seu Raphael a dobrar a curva da catinga, perto do umbuzeiro grande. Era para nunca mais... No entanto a esperanza esvoaçava-lhe de novo na cabeça. Talvez tornasse. Quem sabe? Logo que chegara do Recife, oito dias depois da partida, o Antonio das Neves trouxera-lhe um recado do noivo: ficava bom e contente; estava encantado pelo mar, pela fita sinuosa e loura das praias, pela vida agitada dos cáes, olhando os barcos veleiros a acostarem ou os bellos transatlanticos a se sumirem no horizonte remoto. Mandara-lhe, entre outros mimos singelos, uma caixinha atulhada de mariscos e buzios cheirando á maresia, ainda cheios de areia fina e setinosa que é a almofada onde as vagas tecem as suas rendas. Voltaria naquella semana: era a sua promessa.

Depois, nem mais um recado, nem mais uma notícia. O Antonio das Neves, em viagens subsequentes, não vira o rapaz na capital.

Vezes havia em que a rapariga tinha fremitos de tomar luto pelo prometido, pois ao seu coração lealdoso só com a morte se podia justificar o esquecimento da jura feita.

Assim desfilavam os dias amáros e triste. Maria Clara ia-os vencendo na faina da lavagem, ao pé do rio, arredia de todos, melancholica. A noute, por força de habito ou por inspiração da esperança, botava a almofada na porta e retomava a tarefa de rendeira, trocando os bilros, ficando alfinetes, a desenhar com os fios alvos da linha a formosa renda do seu noivado. Estava linda e crescida! Iniciara a vigesima vara e enquanto trabalhava, os seus sonhos de ventura se iam dispersando como as nuvens nos céos...

Quando o tio Zeca vinha também repousar na grama, sentindo remorsos de haver despertado o desejo do rapaz em descer a serra, punha-se a consolá-la, animando-a, simulando motivos para desculpar o retardo d'elle.

— Nas terras grandes ha muito o que a gente ver, menina, e em que labutar... Quem sabe si o Raphael não está a fazer umas patacas?

— Mas, meu pae, se é assim, que custava a elle botar no correio um recado para nós? Acaso não sabe que eu estou a morrer de saudades?

— Ainda não é tempo para afflicção nem choro, rapariga. Muito defunto já tem tornado vivo do cemiterio... Tem confiança na Virgem. O rapaz d'aqui a pouco está por aqui. O coração me diz...

— Deus lhe ouça, meu pae...

Maria Clara começava a chorar e o velho, coçando os cabellos meio embranquecidos, calava-se, roído de pena, matutando.

Uma vez, de repente, foi ao Recife. Já na estação mandou avisar a filha. Correram dez dias: quando regressou vinha num desalento terrível. Nada soubera e nem uma pegada do noivo da rapariga. Redobram-se os soffrimentos de ambos.

E assim Junho entrou, chegando a noute ruidosa de S. João.

Pelos caminhos, fronteiros ás palhoças, os grossos tóros de madeira, entrecruzados, alteiavam-se para arderem mais tarde, e de quando em vez, embora cedo, uma ronqueira espoucava ao longe.

Nos lares, sobre os fogareiros, mechia-se a cangica ou assavam-se as espigas de milho verde, muito tenras, doces, ha pouco desnudadas das tunicas verde-brancas que jaziam pelo chão de massapé ou tijolo de envolta ás cabelleiras alou-

radas. Alguns mocambos se toucavam de bandeiras ou de balõesinhos em fieiras, multicolores, vistosos.

Anoutecendo de todo as fogueiras crepitavam, esbrazeadas, espiralando chammas, estalidando, mandando aos céos muito limpos e estrellados, mensagens de fumo pardo, em rólos escuros como bandos de corvos a subirem.

Todos os atalhos regorgitavam: ia e vinha a gente do sertão de roupa aceiada e cara alegre, abaixo e acima; uns no calcante á procura de um casebre amigo onde se lhes promettia um samba; outros nos dorsos das montadas demandando, alguns quartos de leguas adiante, a fazenda de um compadre meio abastado de nome do santo festejado.

Os tiros das ronqueiras simultaneos já se faziam frequentes e nas ruas os busca-pés numa serpe de fogo garatujavam luminosamente o espaço, zigzagueando, rodopiando no chão, correndo num rastro avermelhado para por fim estourar com força de encontro a uma soleira ou ao pé de uma arvore, quando não enfiavam, entre gritos e susto dos moradores, por uma porta aberta.

Creanças, á solta, cercavam as fogueiras, dando-se as mãos, cirandando a entoar cantigas infantis, populares.

Maria Clara, na tristeza de sempre, depois do pae haver ateado a sua fogueira, foi vagarosamente subindo a vereda do oitão até chegar ao alto, na estrada, de onde os olhos alcançavam a cidade, em baixo fumaçando.

Era o Alto da Balança. A rapariga encostou-se no nmbuzeiro onde se encobriu, no dia da partida, o seu noivo.

A cidade era toda um facho de chammas. As arterias delineavam-se pelos renques luminosos das fogueiras, desde a rua da feira, rectilinea, larga faixa, até os caminhos riscados nas vertentes dos montes, trepando as serras ou procurando os brejos. As limalhas caricaturavam no alto bizarras geometricas. A luz das candeias tremia em todas as janellas e portas dos mocambos e das casas ricas, illuminando-se a matriz na penha de sua pequena collina. Até o rio reflectia arabescos igneos das fogueiras ateadas nas margens povoadas.

Sertanejos, passando, saudavam á Maria Clara com um "Deus nosso Senhor vos dê o desejado" e as moçoilas, em branco, tafues, com os cabellos atados em fitas berrantes, diziam-lhe phrases de carinho e esperança, porque todos, legua em derredor, sabiam de desdita da "Clarinha das rendas".

Apoiada no tronco do umbuzeiro, á meia sombra do crescente, ella, angustiadamente, espiando a ventura alheia que passava nos pares de namorados, a cochicharem, felizes, quedou ali até bem tarde, com medo de volver á casa naquella noute, a rever o canto onde, ainda no outro anno, na mesma data, Raphael, na sua fatiota nova de brim riscado, trincando uns grãos de milho assado, num gesto de timidez vencida, indagara-lhe de brusco: Você quer ser minha mulher, Clarinha?

Na sua alma casta de matuta não vibrava o desespero do homem que se fôra, o ciume da posse furtada, a ideia sensual de que o noivo andasse aos galanteios com outras mulheres, não. O que a deprimia, a estiolava, era a dor de ser esquecida, a ingratidão de um ente a quem amara depois do pae, a surpresa da finga á fé jurada, intraduzível ao seu espirito que tinha uma promessa como um pacto para toda a vida.

Era sómente o seu espirito a penar:—á femea sobravam o trabalho e o sentimento para refrear o instincto. Demais creada na natureza, sem arrebiques de maldade, via a maternidade dos animaes, conhecia-lhes os amplexos fecundos para comprehender, sem jaça de impureza, o seu dever de mulher.

Emmagrecia; as côres desmaiavam com as suas esperanças. Os labios iam esquecendo o "ríctus" gracioso do riso, o riso lindo de quem ri sem ironia, sem fel. Raphael era a ideia fixa, um Raphael cheio de brumas, por cujo bem ella fremia, por quem nutria tantos cuidados quantos eram os seus votos de que voltasse. Embora olvidada, talvez fosse feliz si lhe dissessem com segurança que elle estava bom e contente naquella noute ardente de S. João, em outras plagas, em outros lares...

Só desceu quando o pae, intranquillo, a foi buscar na estrada, reprehendendo-a com ternura rude de sertanejo, pelo sereno apanhado, pela frieza da hora, ella andando sempre a tossir e espirrando.

Os estrondos das ronqueiras alternavam com a toada monotona dos sambas. Da cidade balões alteiavam-se, claros, tangidos pelo vento.

Tio Zéca, em casa, sentou-se á porta, fumando cachimbo, mirando, abstracto, as estrellas perto do horizonte.

Maria Clara, num tamborete, ao pé da nua mesa de pinho, rezava num terço de contas azues...

1V

Foi-se o inverno e veio o verão cruel, adusto, queimando as vegetações, seccando o rio, comburindo tudo.

Fevereiro corria sem a promessa de um agna-ceiro. A feira era escassa, as verduras raras, os fructos pouco vistos e caros.

O sol rutilo, flammiejante, ardia, esmaltando os serros, resequindo as catingas, e as noutes eram abafadas, mornas.

Tio Zéca, preocupado, via a sua colheita perdida, os dias vindouros amargos, enquanto a filha numa crescente penuria moral, enfraquecida, tossindo, embora assim agarrada ao trabalho.

De noute, no serão do costume, pouco conversavam. De tempos para cá o Joãozinho, que substituiria o Raphael no carro vinha também tagarellar um pouco ali, posto que nem sempre lhe respondessem, tão pensativos andavam pae e filha.

Era um rapazote de dezete annos, muito rustico, feio porém unguido de uma bondade extrema: uma alma boa. A' força de vir por ali, á força de ver penar a rapariga, foi-lhe querendo bem, sentindo até que já lhe queria bem de mais. Talvez tivesse impetos de dizer-lh'o; retinha-o a imagem leal do companheiro partido e também a sua timidez innata.

Uma vez afoitara-se a balbuciar, encontrando Maria Clara a sós:

— E Você não se casa mais, Clarinha?

A rapariga olhou-o pasmada, viu-lhe a expressão e só então entendeu o que ia pelo coração do rapaz, sem poder dar remedio.

— Enquanto V. me avistar a fazer esta renda, Joãozinho, ninguem tem direito de me falar nisto... Esta renda me amarra a Raphael. Ouviu?

Nunca mais se falaram a respeito. A renda crescia. Maria Clara não a queria vender: afigurava-se-lhe que o fazendo partia o ultimo élo da esperança mantida na volta do noivo, de quem nem uma nova se soubera até então. Decerto embarcara e por lá, em climas estranhos, morrerá. A's vezes pensava assim, para em seguida ter maior fé num regresso.

A sêcca ia queimando.

Numa tarde, tarde de agonia e canicula, ao recolher do sol entre nuvens adamasgadas, ensanguentando os flancos das montanhas crestadas pela estiagem, Maria Clara, num desalento incoercível, num crise nostalgica, tão de sua feição de tempos para cá, viera continuar a sua tarefa de rendeira, á porta de casa, enquanto o pae andava ainda pela feira.

A's suas attribuições de abandonada, ás suas saudades viera juntar-se maior cuidado ao ver o tio Zéca cheio de receios pelo futuro, com as plantações queimadas, as feiras fracas. a gente do

Recifê fugindo á cidade, um cortejo de miserias. Sentia a previsão da fome. Em breve faltaria tudo. A sêcca ardia, os céos eram limpos e claros, as catingas esqueletos, galhos sem roupa-gem. Só os jatobás davam sombra. Do alto sertão já se contava dos mortos que tombavam nos caminhos e do gado a succumbir nos paroxismos da sede, a gemer, a mugir, na ancia extrema, focinhando a terra gretada, resequida, esteril...

Maria Clara tinha a visão nitida de todo o infortunio sertanejo, periódico, torturante, cuja narrativa já ouvia do pae quando creança. Trabalhava a pensar. Perto, chocalhando, uma vacca, solta, de pello amarello, remoia as fibras das palmatorias do matto, unico alimento daquelle dia quente.

E a pensar, Maria Clara baixou os olhos para a renda, a sua renda de enxoval. Vendel-a-ia, estava decidido. Eram bem umas trinta varas; dariam alguns mil réis para o sustento. Dias atraz um casal passara ali, a passeio; viera vel-a attrahido pela sua fama de rendeira.

A "Clarinha das rendas"? indagou o par. Recem-casados; elle muito elegante e caricioso a desmanchar-se de cuidados; ella, pallida, loura, cançando ao marchar, inclinada, denunciando a maternidade. Viram a renda e cubiçaram-na para uma blusa, talvez, ou para uma veste de creança. Chegaram a offerecer tres mil réis á vara.

A nada accedeu a rapariga: — era a sua esperança, não venderia.

Agora, porém, estava resolvida; era justo que auxiliasse o pae naquelle transe. No dia seguinte iria á cidade, procuraria o casal ou quem lhe desse algum dinheiro pelo seu trabalho. Depois faria outros, em linha, em filó.

Ah! si as costas lhe não doessem tanto! os seus serões iriam até o amanhecer. Segura era a sua resolução: cortou com uma tesourinha a renda da almofada, mediu-a nos braços abertos, do rosto para a ponta dos dedos. Trinta e duas varas, uma lindeza. Lembrou-se do seu vestido de nupcias assim enfeitado, brilhando á luz do altar da Virgem, na matriz...

As lagrimas afloraram; enxugou-as com a manga do casaco. Ia dobrando a renda quando Joãozinho vinha chegando.

Estiveram em silencio uns segundos. Depois o rapaz, mirando-a espantado, sentou-se-lhe ao pé, no chão.

— Clarinha, você uma vez me disse que só se casaria outra vez quando cortasse essa renda. Era verdade?

Ella estremeceu: não se recordara do que havia dito áquelle rapaz. Tambem não desejava con-

fessar o seu gesto filial para não desmerecer-o na bocca de todo mundo.

— Para que V. me quer, Joãozinho? Eu não tenho mais coração. De que serve uma mulher em casa quando ella não nos pode querer bem, direito? Magra, doente, triste, eu serei um trambolho para V. que é moço e pode ter outra sorte. Não pense nisto, homem.

Joãosinho não teve tempo de replicar. Ao alto da estrada um grupó surgiu, approximando-se. Um velho cavallo, esqualido, tropego, puxado por um sertanejo magro, maltrapilho, chapéo de couro sujo, calçado de velhas alpercatas denunciando a exaustão de longa caminhada e duras privações, marchando ao seu lado uma rapariga amarellada, vacillante, seguida de um meninote de doze annos, rachítico, com tronco nu'. No animal penduravam-se dois caçuás: um contendo cacaréos, outro servindo de berço para uma creancinha enfeixada nos retalhos de uma coberta vermelha. Fechava o prestido macabro um canito branco de costellas desenhadas na pelle.

Era a primeira léva de retirantes a passar por ali, naquella sêcca. Em frente á casa, pararam. A mulher tirou do caçuá o filhinho, sentou-se numa pedra, pôz de fora um peito mirrado e achegou-o á boquinha sequiôsa do petiz que chorava por não achar seiva.

Maria Clara, penalizada, foi buscar um pouco dagua com assucar.

— Deus abençoe a Você, minha moça. Ha dois dias que penso ficar pelo caminho. Nem um pingo nos peitos! O pobresinho só faz chorar...

— Para onde vão? — interrogou Joãozinho.

— Para baixo, para a praça. Hoje cuidamos de pedir um rancho na cidade para descançar a noute, Amanhã é de serra abaixo, querendo Nosso Senhor. Pobresinho! Ainda si a gente podesse arranjar um leitinho para elle! Perdemos tudo, seu moço. O sol queimou...

Maria Clara esteve a olhar aquelle quadro de miseria, maior que a sua. Depois, num gesto brusco, rapido, entregou a renda, já dobrada, á inditosa mãe:

— Tome para você. Na cidade darão por ella algum dinheiro. E' para comprar leite para o pequeno e uma camisa para o rapazinho.

A mulher esgazeou os olhos, extatica, surpresa, mastigando bençãos e agradecimentos que morriam na gorja.

De novo o grupo se moveu e ia partir. A cidade era perto mas o crepusculo cahia. O homem e o meninote deram «boas noutes» e andaram para a frente. A mulher, com o filho nos

braços, a choramingar, seguiu também a de-sejar :

— «Nosso Senhor lhe dê um noivo bem bonito».

Maria Clara sentara-se de novo em frente da almofada nua. Fincou os cotovellos no papelão do risco, apoiando nas mãos espaldas o rosto doentamente gracioso, dolorosamente sympathico, rodando os olhos garços na paizagem, a sua linda paizagem sertaneja tão mudada também.

A tosse renitente, rouca, vibrava-a de quando em vez; sentia o corpo quente e o coração batendo forte. Na vespera parecera-lhe na bocca um travo de sangue. Talvez do dente.

Naquelle momento tudo se lhe clareava: era o fim. Estava doente, bem doente. A Mariasinha começara assim, a tossir, a doer-lhe as costas e fôra um dia para a terra de Deus. Não tinha medo de morrer; tinha era pena da velhice do pae, sósinho no mundo. Raphael? Só pedia á Virgem é que, si estivesse vivo, fosse feliz. Era o fim. Para que alimentar mais uma esperança mofina como se rega uma planta que não pode medrar!... O unico fio era a renda, a sua linda renda que partira também nas mãos esqualidas daquelle mãe dolorosa, — branca, muito branca como si já fosse o leite que ella, virgem, dera aos labios famintos daquelle petiz, ajudando-o a crescer, a ser homem para, mais tarde, talvez, fazer soffrer as raparigas de amor e de febre. No ferrotear das suas maguas, sentia um bem estar, uma volupia casta pela caridade que fizera.

Donzella como ia morrer, ao menos fora mãe também, naquelle gesto. A saudade vencia-a; os soluços garroteando-a explodiram. A cabeça descahiu sobre as mãos mornas e os braços dobraram-se na almofada, num accesso de tosse, com estremecimentos nervosos, enquanto as lagrimas desciam do céu dos olhos.

Quando Maria Clara alteiou de novo o rosto, o morim da almofada mostrava rosetas de sangue, sangue golphado da bocca premida no tecido alvo.

Joãosinho puzera-se de pé e chegou-se para acudir-a, assustado.

— Você está vendo, Joãosinho? É sangue. Já não valho para nada. É a molestia da Mariasinha. Para que você foi querer seu bem a uma mulher como eu que tem uma doença que péga? Esqueça isto. Procure outra que lh'ó mereça e esteja mais perto da vida do que eu...

O rapaz revolveia o chapéu de carnauba entre as mãos, sentindo os olhos humidos. Maria Cla-

ra enterrara de novo a cabeça entre os braços, a chorar e a tossir.

A noute estava calma e o céu era um crivo de estrellas: — perto, os chocalhos do gado a remoer, tangiam; bezerros apartados das vacas berravam; chegava de um casebre, o mais vizinho, uma toada de mulher; longe, trazido no vento, a plangencia de um carro de bois, tardo, monotono, a reentrar na porteira do curral.

Tio Zêca vinha descendo o atalho, apressado, alegre, embora a feira tivesse sido escassa: — trazia no bolso da calça uma carta de Raphael, achada no borreio, chegada na vespera do Acre, de onde, entre os seringaes, após ter estado a morrer de febres, o rapaz mandava dizer que estava a juntar uns contos de reis para fazer a sua Clarinha, a Clarinha das rendas, bem feliz, bem bonita...

MARIO SETTE



ECONOMIA DOMESTICA

Na residencia de um casal "modern-style", ás 10 da manhan.

Renato Silveira e Mme. Silveira acabam de tomar o seu café com leite.

Elle — (levantando-se e atirando o guardanapo para cima da mesa). Bem, meu amor, cá me vou á vida; até logo.

Ella — (cobrindo de manteiga uma côdea de pão). Até logô, bemsinho. Olha... Tu vens almoçar hoje á casa?

Elle — Não posso. Hoje é dia de mala para a Europa e tenho muito que fazer no escriptorio. Almoçarei na cidade. Virei jantar ás 7 da noite.

Ella — Nesse caso, vou sahir depois do almoço, sim?...

Elle — Aonde vaes?

Ella — A' cidade, fazer umas compras... A proposito: tens ali dinheiro?

Elle — Tenho. De quanto precisas?

Ella — De pouco, para umas comprinhas insignificantes: uma peça de entre-meio, que a costureira mandou me pedir; uma carta de alfinetes, um maço de grampos... (Pausa) Duzentos mil réis dar-me-hão p'ra tudo...

Elle — Vê lá... Para comprares um maço de

grampos, uma peça de entremeio e uma carta de alfinetes talvez os duzentos mil réis não sejam sufficientes... Pede mais, queridinha. A ordem é rica e os frades são poucos...

Ella — Achas muito? Se soubesses como a crise na Europa repercutio no Brasil!... Está hoje tudo pela hora da morte...

Elle — E'... Tens razão. A crise... é pavorosa. Então, ficas satisfeita com 200\$000?

Ella — Fico. Mas, olha lá, bemsinho: se achas muito, dá-me apenas 100\$000 e eu... quando chegar á cidade, passarei pelo escriptorio para que me dê os outros cem.

Elle — (ironico) Não é preciso. Para que has de fazer economias, meu amor? Temos apenas oito filhos e elles, quando crescerem que se arranjem...

Ella — Como tu és mau, Renato! Então pretendes deixar as crianças sem nada, quando morreres?!

Elle — (cada vez mais ironico) — Creio que sim. Se continuarmos pelo caminho em que vamos...

Ella — (admirada) — Que dizes, Renato?! Achas então que estamos gastando muito?

Elle — Quah... Eu disse isso?!

Ella — Não, mas, pelas tuas palavras, tirei essa conclusão. Mas olha: se achas necessario que economisemos, o melhor é tirarmos os pequenos do collegio — elles já sabem o sufficiente para ganharem a vida quando forem homens — tu venderás a tua "voiturette"...

Elle — E, tu, a tua "limousine"...

Ella — A minha "limousine"?! E, depois, como farei, quando tiver de ir á cidade, ás minhas compras?

Elle — (com paciencia evangelica) — Irás de bonde, como toda a gente.

Ella — Estás doido, filho?! Queres que as Mendonças se riam de nós? Era só o que faltava!... Se ellas, agora, já dizem que, neste andar, terminaremos implorando a caridade publica, á porta de uma egreja, que não diriam, como não se haveriam de rir, quando soubessem que vendi a minha "limousine"?! Não, Renato, não, meu amor. Noblesse oblige...

Elle — Bem, são horas de ir para o trabalho. De quanto precisas, então, para os teus alfinetes?

Ella — (distrahidamente, olhos perdidos no espaço) — De quinhentos mil réis...

Elle — Será possivel que neste pequeno lapso de tempo que levamos a palestrar, tenham os alfinetes subido de preço?!

Ella — (rindo) — Quem sabe?... A crise na Europa... (Pausa) Mas fallemos a sério, Renato. Achas muito quinhentos mil réis?

Elle — Não acho. De que me vale achar muito? Precisas, não é assim?

Ella — E'... Preciso... Tenho que comprar uma peça de entre-meio...

Elle — Já sei!... Uma peça de entre-meio, uma carta de alfinetes e um maço de grampos...

Ella — Estás zangadinho commigo, Renato? Olha: se é para ficares aborrecido, não é preciso que me dê os 500\$00. Dá-me apenas 450\$000.

Elle — Qual aborrecido!... Mas, vamos a saber: vaes apenas á loja comprar os alfinetes ou tens que fazer algumas visitas?

Ella — Não faço visitas, hoje. Irei primeiro á casa Ferreira comprar os alfinetes, depois irei á joalheria... — oh! descança; é só para ver as novidades — á costureira, ao "five-o-clock-tea" no Alhambra e voltarei para casa, passando de caminho pelo Municipal, afim de avisar que ficas com a assignatura para o Lyrico.

Elle — Quer dizer que só ás 7 estarás em casa?

Ella — Achas muito tarde? Se achas, sê franco, que eu virei ás seis e tres quartos. E, sabes de uma cousa? Para não andares sempre a ralar commigo, voltarei de bonde para fazer economias. Tens razão, Renato, é preciso que façamos economias...

Elle — Qual!... Eu estava a brincar contigo.

Ella — Não, senhor. E' preciso que sejamos economicos. Do principio do mez em diante vou dizer ao pequeno dos jornaes que não precisa mais trazer-me a folha. Assim economisaremos 3\$000 por mez, não é? E' preciso economisar, Renato, economisar muito...

Elle — Bem. Até logo.

Ella — Até logo, meu amor. Economia, ouviste, muita economia!... Olha, Renato!

Elle — Que queres!

Ella — E' que tu te ias esquecendo de me dares os 500\$000 para comprar os alfinetes...

EUCLIDES ANDRADE



SUPPLEMENTO

A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores

SIMÕES PINTO

Dentre as figuras que a gripe apagou, rudemente, no tormentoso fim do anno de 1918, está a de Arnaldo Simões Pinto, o suave poeta da "Cármina" e do "Livro de Don'Alda".

Poucos se lembram já deste nome. Simões foi um perdulario da intelligencia e do coração, e nunca cuidou de fixar num livro definitivo os primores da sua inspiração e as excellencias de seu éstro. Mas a individualidade que foi não pode ficar assim olvidada: não só porque fosse a de um bello artista, na inteireza do epitheto, como também pelo papel de construcção social-literaria que ella desempenhou.

Simões assumiu em 1916 a chefia da "Vida Moderna", a que deu uma phase aurea. Pois com tal revista auxiliou, incentivou, guiou e fez apparecer muitos dos bellos nomes que hoje florescem a geração intellectual de S. Paulo.

Monteiro Lobato, Guilherme de Almeida, Léo Vaz, Sud Mennucci, Brenno Ferraz, Lindolpho Esteves, Thales Andrade, para não citar outros, todos receberam da revista de Simões Pinto um grande espirito de estimulo e de dedicação ás letras.

Monteiro Lobato, si bem que ao tempo em que começasse a publicar os seus contos na «Vida Moderna» fosse já um estylista vigoroso e perfeito, todavia só perdeu a sua timidez e se lançou resolutamente á publicidade, depois de privar com o poeta da «Carmina». Foi ainda por instantancias suas que Lobato publicou os «Urupês», cujo successo literario e de livraria havia predicto com segurança.

O desprendimento de si era o traço dominante do caracter de Simões Pinto. Tendo convivido com elle nas revistas que dirigiu, e, mais tarde, no *Jornal do Commercio*, bem pudemos apreciar a bondade profunda daquella alma, em quem a harmonia era uma expressão natural de vigorosa saude e equilibrio. Espirito *frondeur*, estava sempre disposto a rir e a zombar, mas sempre disposto também a corrigir e a animar.

Foi por isso, mais que tudo, na sua vida de trabalho intenso, em que se fez por si, uma solícita e maneirosa agulha, que conduziu e poz em relevo muita linha que hoje por ahi apparece e brilha.

E como agulha, coube-lhe a sorte de depressa ser recolhido á sombra, donde só o evoca, em intensa saudade, a lembrança dos amigos.

LOURENÇO FILHO



O paradoxo da cultura

Para a maioria dos individuos o termo «cultura» significa conjunto de conhecimentos. A realisação da cultura estaria então superiormente encarnada em um professor universitario, de espessa erudição, congestionado de noções e capaz de expor, com abuso de tecnologia — a meu ver illegitima sob o ponto de vista etymologico e portanto falta de clareza e propicia a confusões — theorias mais ou menos abstrusas. Não obstante, a erudição pode e costuma ser precisamente o contrario da verdadeira cultura. Com effeito, esta não consiste tanto em amontoar na mente noticias acerca da sciencia, da moral e da arte,

como em despojá-la, antes de tudo, dos obstaculos que a impedem de adoptar uma attitude comprehensiva e de dirigir um olhar penetrante sobre o campo da arte, da moral ou da sciencia. Antes do que em um processo de accumulacão, estribase, pois, a obra cultural em um previo processo de desintegração dos elementos que a torpeza e a insinceridade do ambiente social vão depositando sobre o espirito, á maneira de uma crosta que obstrue a clara visão das coisas. Só depois desta operacão poderá o espirito directamente adquirir noções relativamente verdadeiras e formar conceitos mais ou menos exactos acerca do mundo exterior, do «não eu». Neste sentido a cultura não importa num atavio, senão, ao contrario, num retorno franco e saudavel para a nudez ingenua. O importante, o primordial consiste em dar ao pensamento a capacidade para julgar rectamente, apreciando o valor ethico ou esthetico das coisas e extrahindo dos phenomenos circumdantes ideias proprias e virgens de todo preconceito.

O processo da educação, como se sabe, implica a passagem das noções do consciente para o subconsciente. As ideias bem assimiladas se trasladam para a esphera do affectivo: convertem-se em sentimentos, regido pelos quaes o individuo então exerce os seus actos, já espontaneamente. Reage de modo determinado ante as coisas, de accordo com a maneira de sentir que formou com uma opportuna e continua infiltração de ideias, pois, como disse Fouillée «a ideia é inherente a todo sentimento que se distingue da pura sensação informe». Dahi o valor de uma verdadeira educação e os perigos de uma educação falsa.

Se a vestimenta espiritual, isto é, a summa das ideias adquiridas e dos conhecimentos accumulados que foram mode-

lando a psyche do sujeito, pudesse, em momento dado, ostentar-se aos nossos olhos, como a indumentaria corporal, veriamos cobertos com as mais des-harmonicas e absurdas vestias. Aquelles que nos parecem mais sabios seriam provavelmente os que nos deixariam estupefactos com o incompativel e discorde de sua roupagem ideologica. Appareceriam nella prendas anachronicas e irreductiveis a todo syncretismo, amontoadas sobre o espirito, em virtude de uma serie de superposições inexplicaveis. Junto a uns calções remendados de «sans culotte,» mostrariam alguns uma casaca de corteção e á cabeça, adornada de melenas romanticas, se alçaria uma ridicula cartola contemporanea. Fructo de uma cultura heterogenea, desharmonica, falsa, este homem juntaria a um fundo jacobino, moderado e como que oppresso por preocupações respeitosas acerca da hierarchia social e da auctoridade uma disposição sonhadora, contrariada por sua vez pela disciplina utilitaria e pratica da vida actual. Esse conjunto variegado e heteroclitico não seria senão a resultante de uma deploravel educação intellectual e moral, de uma pseudo-cultura.

«Il vaut mieux forger l'esprit que le meubler,» dizia Montaigne, falando da educação com seu bom senso insuperavel. Forjar o espirito: fazer delle um instrumento de comprehensão, de discernimento, de juizo, em vez de convertel-o em uma despesa intellectual... Tal é o verdadeiro sentido da cultura.

Individuos ha, opulentos de noções adquiridas de segunda mão, que se veriam perplexos para emittir um juizo claro e simples sobre qualquer phenomeno natural algo complexo. Estão mais longe da cultura que o homem «ignorante» na accepção corrente, mas que disciplinou o seu entendimento na observação directa e no estudo experimental. Toda a sua erudição livresca não serve áquelle mais que para falsear-lhe a visão das coisas, que de outra maneira seria mais lucida e precisa.

Quando Socrates queria infundir alguma noção em um dos seus

discipulos, começava por trazel-o ao ponto de partida mais elemental. a um estado por assim dizer de virgindade intellectual. Logo, mediante o seu systema de interrogações successivas e coordenadas, o ia levando, como que pela mão, até a ideia que desejava inculcar-lhe e fazia que o proprio discipulo a surpreendesse, naturalmente, em virtude daquelle encadeiamento logico perfeito. A ideia, alcançada de tal modo pelo sujeito, mercê do exercicio da sua propria faculdade de raciocinio e de livre exame, se incorporava definitivamente, como um thesouro, á sua bagagem intellectual. E' o contrario da educação dogmatica e essencialmente memorial, em que alguns fazem repousar erroneamente a cultura. Para obtel-a, na realidade, é mister, quando se chega á idade em que é possivel libertar-nos do «magister dixit,» proceder a uma especie de revisão das ideias fundamentaes adquiridas antes, desnudar-se tranquillamente das noções emprestadas e tornar a adquiril-as paulatinamente, sobretudo com um criterio organico, de modo que o conjunto constitua uma visão harmoniosa e ampla da vida, que influa na harmonia correlativa da conducta. Só isto pode significar uma verdadeira cultura. O conceito habitual da mesma não é senão um paradoxo falaz e pernicioso, que tanto mais nos alheia da posse della quanto mais simula approximar-nos della...

A. M.



Curiosidades literárias

Versos.

O verso portuguez por excellencia é o da «redondilha». Não é que se não possa praticar outras especies e nem se pede o exterminio da variedade infinita dos versos. Mas basta dizer que aquelle é o verso da «poesia popular»: isto é, o rythmo ingenio e espontaneo da nossa alma, quando tocada por qualquer agitação emotiva.

E não só o da poesia, mas o da prosa apaixonada. E' o molde das nossas expressões mais idiomáticas e profundas. Todas as nossas invocações e interjectivas, se acaso excedem o grito animal, logo se fundem no septisyllabo.

Vae para quatro annos, fazendo algumas lições acerca do «Folklore», na Bibliotheca Nacional, chamei a attenção dos meus raros mas impavidos ouvintes para o frequente habitualismo com que meneliamos aquelle metro popular.

Citief exemplos vulgarissimos da linguagem commum.

O povo só adopta epithetos, invocações, formulas, quando septisyllabicas. As dimensões do molde exigem, como um leito de Procrustes, aquellas proporções exactas.

Os santos que se invocam apparecem singelos ou acompanhados, mas sempre segundo a formula:

- Nossa Senhora da Lapa!
- Jesus! Maria! José!
- Santa Barb'ra, São Jeronymo.
- Mãe de Deus da Conceição.

E nunca por exemplo — Nossa Senhora da Conceição ou «Nossa Senhora da Candelaria» — pessoas eguaes, mas inadeguadas ao metro idiomático.

Uma besta pode ser reverenda e um patife pôde ser grande: mas as formulas metricas exigem que se diga:

- Reverendissima besta.
- Granddissimo patife.

Não se pôde dizer «grande» nem sequer «grandissimo». Seria um verso quebrado, e, entretanto ao dizel-o ninguem pensa tratar de versos.

Ha uma multidão de phrases que só existem, por serem aperfeiçoadas e acepillhadas pelo metro fundamental, ainda mesmo quando não encerram grande sentimento. Mas assim é.

Aqui vão alguns «logares communs» do linguaajar do povo.

- Tenha santa paciencia.
- Tenha dó deste seu negro.
- Tire o cavallo da chuva.
- Você não é dos peões.
- Faça lá o que quizer.
- Deu dois pinotes e meio.
- Misericordia, meu Deus.
- Por Deus e a Virgem Maria.

Basta fazer a simples experiencia de mudar algumas dessas palavras e logo se evidencia a impropriedade que adquirem. — «Mariquinhas, meu coração!» é phrase indigna de um apaixonado: este dirá:

- Mariquinhas, meu amor!
- Maria, meu coração!

Ou, acaso, poderá escolher uma duplicação que é ajuda ternura:

- Mariquinhas! Mariquinhas!

E' claro, se não estou a tresvariar, que — «Maria! Maria!» — não passa de expressão gelida, apathica e inerte.

E' o que sinto, mas posso estar em erro. Tenho por um sujeito secco, flegmatico, aquelle que diz a seu inferior:

— Tire o chapéo!

E tenho por um homem nervoso, elegante e poeta, o que diz:

— Tire o chapéo da cabeça!

Já vae longa a impertuencia dessas frioleiras phraseologicas.

Se estou com a verdade nesses despropositos que venho de referir, não é destempero grave, vir sempre lembrando a justeza do metro idiomatico e a difficuldade (a «difficuldade», attemtem nisso) de vencer o habitualismo das nossas legitimas dicções.

Todos os que estudam a philologia e a linguistica, sabem que temos uma lingua dupla: a popular e a erudita, nas palavras e na phraseologia.

A medida de uma é a redondilha, e o genio da outra é talvez de-casyllabico.

Não é grande erro nem disparate dizer que escrevemos ou «falamos Camões» substituindo á lingua o genio formader, mais poderoso que ella teve. Esse será sempre o molde erudito, o modelo literario e culto que aos poucos se vae entranhando na alma popular. E' o modelo «heroico».

Assim a «redondilha» e o verso «heroico» são os dois typos vernaculos tyranicos e incoerciveis como as nossas lagrimas, o nosso folego, e todas as expressividades em que se crystallizam as nossas paixões.

Não temos outra geometria nem outro numero. Tiral-as dahi é enforcal-as.

Não quer isto dizer que nos sejam vedados os outros caminhos de artificio, féra daquelle trivio e quatrivio da lingua e do pensamento portuguez; e nom foram os portuguezes que os inventaram.

A poetica abrange numerosas especies, já compendiadas pelos technicos e didaetas.

Ao poeta é licito percorrer toda a escala de valores e de rythmos.

O alexandrino appareceu em Portugal pelos fins do seculo XVIII, entre duas epochas mediocres da poesia, a gongorica e a arcadica. Um dos primeiros que usaram o alexandrino foi um escriptor de comedias, Manoel de Figueiredo, auctor da «Gritaria», poema dramatico de versos estopares e nauseantes.

Este Manoel de Figueiredo buscou afrancezar o theatro (então de operas, burlas e farças). A sua obra, salva a intenção, era achamboada, tosca e malfeita, e valia ainda menos que

as comedias do famoso Nicolau Lu

Seus alexandrinos, da especie a que chamei de «alexandrões», dizem assim:

A minha filha é honrada, é virtuosa,

[é boa,

Mas já que você tonto casou com ei-

[la á toa,

Tratando o grande adagio, de coco

[dos rapazes,

Que diz, antes que cases repara no

[que fazes,

.....

E' incrível de estupidez.

Emfim, veiu Bocage. E veiu Castilho que poz tudo nos eixos de mais acurada imitação. E' aquelle um verso amplo, sonoro e magestoso; mas não é pura quem o quer e muito menos para estreantes inhabeis ou pouco affeitos aos segredos da technica.

Todos os que vorsejam, entre nós, querem principiar por aquella adaptação, balbuciam e gargarejam suas primeiras vozes naquelle metro de importação recente; e, para falar segundo a doutrina que expuz ha pouco, saltam do «sentimento» para o «artificio», e, abafando a redondilha quasi immanente e hereditaria no seu estro, vão ás camisas de onze varas da moda.

JOÃO RIBEIRO

ACABAM DE APPARECER

SIMÃO DE MANTUA

FIGURÕES VISTOS POR DENTRO

ESTUDO DE PSYCHOLOGIA SOCIAL BRASILEIRA

Preço 4\$000
Pelo correio mais 500 réis

AMANDO CAIUBY

SAPEZAES E TIGUERAS

CONTOS

Preço 4\$000
Pelo correio mais 500 réis

PEDIDOS AOS EDITORES:

MONTEIRO LOBATO & C.

RUA BOA VISTA N. 52
Caixa, 2-B — S. PAULO

Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) 1\$000
Um soneto de Bilac (critica) 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) No preço

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) No preço

A. DE SAMPAÍO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commerciante 8\$000

Estudos de Direito Commercial 10\$000

A Hypotheca Naval no Brasil 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commerciante precisa saber (10.º milheiro) 2\$000

Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos (2.a edição, 8.º milheiro) 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO

Rua Dr. Abranches, 48 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i>	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i>	4\$000	5\$000
URUPÊS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i>	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i>	3\$000	—
IDÊAS DE JÉCA TATÚ, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i>	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i>		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i>	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i>	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i>	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i>	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i>	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i>	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i>	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i>	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i>	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: oferecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possivel. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$ centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

A Pulseira de Ferro por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "E' no genero uma verdadeira obra prima," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

Os Negros por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

Ritinha por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

Mula sem cabeça por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.



A seguir novellas de:

Coelho Netto,

Afranio Peixoto,

Waldomiro Silveira

Cornelio Pires e outros.

Cada volume. 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

**Sociedade Editora
Olegario Ribeiro**

Rua Dr. Abranches N. 43
Caixa, 1172 - SAO PAULO

OS NEGROS



— Lá, foges, aconselhou-me um, etc

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).